**ATIVIDADE PARA O DIA 15/06 – APRENDIZAGEM SOCIAL**

**José Carlos Camillo**

**Resumo de Ingold, Tim (2000). ‘Evolving Skills’. In: Rose, H. & Rose, S. Alas, poor Darwin. London: Vintage.**

O autor pretende lidar com o problema da relação entre capacidades inatas e habilidades adquiridas. O autor vai propor que essa dicotomia seja dissolvida. Para defender essa tese, primeiro vai apresentar a tese da complementaridade e depois defender que ela está equivocada ao mesmo tempo em que propõe uma solução que dissolva a dicotomia. A tese da complementaridade diz que as habilidades humanas são resultado da junção de três coisas distintas: a genética que permite o desenvolvimento do corpo, uma formação pré-moldada dos processamentos mentais e a absorção de conhecimento cultural. A primeira vem da biologia evolucionária neodarwiniana, a segunda, das ciências cognitivas e a terceira, de uma teoria da cultura como transmissão de conhecimento. O que todas essas abordagens, ainda que integradas para explicar as habilidades, têm em comum é que elas dissociam capacidades/habilidades/disposições comportamentais e corpóreas da prática em si dentro de um contexto ambiental. Ou seja, tanto a informação genética quanto programas mentais quanto cultura seriam representativas em si mesmas, destacáveis de corpos que as realizam em um contexto. A partir disso, o autor começa a apresentar abordagens que dissolvem a dicotomia inato X adquirido que são contrapontos aos blocos da tese da complementaridade. Em contraponto à biologia evolucionária neodarwiniana está a biologia do desenvolvimento, segundo a qual não existe genótipo. Ou seja, não existe informação genética sem o contexto corporal, ambiental e cultural que a desenvolva. Isso ocorre num processo em que o organismo é ativo, construindo seu ambiente. Em contraponto às ciências cognitivas está a psicologia ecológica, segundo a qual não há módulos mentais que pré-programam as capacidades mentais. Antes, o organismo teria contato direto com o mundo ao descobrir as affordances do ambiente e isso, por meio do convívio social, provocaria uma educação da atenção desde o útero materno e ao longo do desenvolvimento do indivíduo. Por fim, a teoria antropológica da prática entende o conhecimento como prático e dependente de contextos, estando assim em contraposição a teoria da cultura como transmissão de um conhecimento abstrato e destacado da prática. Nesse contexto, a importância da cognição corporeada é essencial, pois não há prática sem corpo. Tendo apresentado esses contrapontos, o autor defende que não faz sentido uma dicotomia ‘inato x adquirido’ ou uma tricotomia gene x mente x cultura porque o organismo se desenvolve em sistemas de desenvolvimento, em que não é possível diferenciar a atuação de um sobre o outro.

**Questões do texto de Barrett, Louise (2011). Cap. 10 ‘Babies and bodies’, do livro ‘Beyond the brain’.**

Achei o texto muito interessante e didático. Em geral, o texto me lembrou um texto da Eleanor Gibson que li para a disciplina da Renata sobre a atividades exploratórias em bebês. Mas além de mais atualizado, esse texto aqui toca em temas que o outro não toca, como a linguagem. Aqui vão alguns detalhes que me chamaram a atenção na leitura:

1. Quando fala sobre o teste ‘A não B’ (p. 183), o texto me chamou a atenção para como a memória dos bebês parece inicialmente voltada para atividades recorrentes do ambiente e que só depois ele consegue diferenciar melhor entre o que costuma acontecer e o que aconteceu por último e como essas duas coisas estão causalmente relacionadas com o presente. No teste normal, proposto por Piaget, uma bolinha é posta várias vezes na caixa A e na última vez é posta na caixa B. Após um intervalo, o bebê deve alcançar a bolinha e, até certa idade, ele vai erroneamente até a caixa A. Apesar de a Barrett explicar que questões corporais estão envolvidas, essa ideia de que o fato de que o bebê, neste caso, está prestando mais atenção (metaforicamente) ao que costuma acontecer e não ao que aconteceu por último me lembrou de um texto recente sobre a memória em animais não-humanos permite a calibração do aparelho sensório-motor a regularidades do ambiente (van Woerkum, B. 2021. ‘The Evolution of episodic-like memory: the importance of biological and ecological constraints’, *Biology and Philosophy*, 36:11.). O que faz todo o sentido com o que a Barrett faz posteriormente: comparar como os bebês pré-linguísticos agem com a forma como animais não-linguísticos agem.

2. Falando sobre a integração dos ‘mapas’ perceptivos (p. 186-187), a autora fala que: “The other consequence of ‘time-locked’ learning is that different sensory systems can ‘educate’ each other about the world without requiring some kind of central mechanism (a ‘teacher’) to coordinate everything […].” (p. 187). Recentemente tenho estudado sobre percepção temporal e um dos maiores enigmas é como temos uma sensação de tempo unificado enquanto temos diferentes receptores temporais que funcionam de modo independente (por exemplo, o tempo de percepção de um estímulo visual é diferente do tempo de percepção de um estímulo auditivo que é diferente do tátil). Uma dificuldade é que justamente o fato de ter um coordenador central não poderia explicar por que essas diferenças temporais podem ser percebidas. E no caso da proposta da Barrett, ela descarta justamente esse coordenador central e coloca na ação presente essa unificação do tempo. Achei muito interessante e fiquei com vontade de estudar mais sobre isso.

3. Por fim, ao falar da linguagem e como ela nos ajuda a resolver coisas que não poderíamos sem ela, ela usa uma expressão que me lembrou o Sterelny no texto do trabalho que vou apresentar na quarta: “language as a tool” (p. 195). O Sterelny defende um fundamento coevolutivo da linguagem com as ferramentas e diz que a linguagem é uma tecnologia da comunicação. Achei muito interessante como os textos se conversaram.